

## **O MOMENTO É DE AVALIAR: O QUÊ, POR QUE, PARA QUEM, COMO?**

Menin, Ana Maria da C. S.

Ao propor o título para esta comunicação, veio-me à mente a discussão histórica sobre a avaliação e os rumos que este processo vem tomando, no espaço — Escola — onde deveria encontrar ambiente favorável para fundar seus alicerces e firmar-se como uma nova ciência.

Contudo, e contrariamente ao que se esperava, é justamente na escola que o processo avaliativo encontra seus maiores entraves. Tais percepções vêm promovendo no interior do grupo de pesquisa<sup>1</sup> coordenado por mim, reunindo alunos da graduação, da pós-graduação, meus orientados, ex-orientados (mestres) e professores do ensino fundamental e médio uma discussão profícua sobre os instrumentos utilizados para avaliar os alunos e os usos de seus resultados com vistas a garantir uma aprendizagem significativa e um ensino de qualidade. Discute-se e investiga-se ainda, a prática da avaliação em cursos de formação de professores que visam a preparar profissionais para atuarem junto ao ensino fundamental de 1ª a 4ª séries.

Atualmente, tanto em termos estaduais, quanto nacionais e internacionais<sup>2</sup> há sistemas próprios de avaliação. Muito embora haja diversidade quanto ao lugar de onde e para onde são dirigidos estes exames, todos partem de um mesmo e único objetivo: verificar a competência leitora do aluno por meio das habilidades que demonstra ao responder os instrumentos que lhe são propostos.

---

<sup>1</sup> O Grupo de pesquisa está vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia- UNESP- Presidente Prudente – SP – BRASIL e conta com 9 (nove) membros. A coordenadora: Profª Drª Ana Maria da Costa Santos Menin, a vice-coordenadora: a Profª Ms Vânia Kelen Belão Vagula, as mestrandas: Roseli Ferreira da Silva (bolsista CAPES), Maria Aparecida dos Santos Moutinho e Ana Cláudia Marinelli (orientadas da coordenadora), a graduanda Maria Lúcia de Aro (orientanda de Iniciação Científica PIBIC/CNPq), Érika C. M. Fiorelli e Antonia dos Santos (professoras do Ensino Fundamental e Médio da rede pública e estadual do Estado de São Paulo).

<sup>2</sup> Refiro-me ao SARESP (nível estadual), AEB, ENEM e ENADE (nível nacional) PISA (internacional)

O objetivo é pertinente, os testes na sua maioria são bem elaborados e a adesão quase absoluta das escolas aos testes que não são obrigatórios indicam o quanto eles são relevantes para que possa ser traçado um perfil da escola e do aluno que temos para projetarmos o que queremos.

Porém, estes mesmos instrumentos que, por princípio deveriam qualificar, incluir, buscar alternativas para tornar os menos competentes, mais competentes, partindo do princípio comeniano de que todos temos condições para aprender respeitando nível, interesse e os meios utilizados pela escola para garantir esta aprendizagem, chegamos a resultados alarmantes, particularmente no Brasil. Os resultados do PISA nos colocam em 37º lugar no ranking mundial, em relação às habilidades leitoras e os resultados auferidos pelos sistemas aos quais já fiz referência não nos isentam das responsabilidades de reverter este quadro. Muito pelo contrário, nos conclamam mais e mais para esta difícil missão de buscar alternativas que excluam aqueles que se saem mal nos teste. Vale lembrar que a função social da escola é sempre a de incluir os que ora encontram-se excluídos, de todos os níveis escolares.

Neste sentido, a pesquisa dos membros do grupo caminha ora para avaliar os instrumentos dos sistemas de avaliação do ponto de vista de sua concepção, princípios, objetivos e usos, o foco desta investigação é a meta-avaliação, ora para avaliar como os conhecimentos de geografia são utilizados para a melhor compreensão e uso do espaço físico, político, ambiental e humano que pertence aos estudos das ciências da terra, ora ainda quando analisa, na percepção do aluno da graduação, seu processo de avaliação em curso de formação de educadores. Por último, e não menos importante, de que forma a literatura poderá contribuir com a formação de leitores críticos e de que forma o professor poderá avaliar o desenvolvimento deste leitor podendo perceber seus avanços. No caso deste sub-projeto, particularmente junto aos alunos do Ensino Médio, nível de

ensino no qual o aluno precisa definir sua profissão e sua participação no mundo do trabalho.

Para cada um destes sub-projetos dentro do projeto maior do grupo de pesquisa que busca investigar **as múltiplas facetas da avaliação** no âmbito escolar há uma pergunta sempre presente: Como avaliar sem excluir? Como avaliar para qualificar? Como mudar sem prejudicar ou colocar em cheque os princípios educacionais? Como preparar o professor tanto inicialmente, como continuamente e em serviço para que ele garanta o princípio democrático e comeniano de uma escola para todos?

Estas são algumas das preocupações geradas e discutidas no interior do grupo de pesquisa citado, as quais desejamos apresentar e discutir neste Congresso buscando ampliar nossas investigações e encontrar interlocutores interessados neste tema.

Quando em 1632 Comenius publica a *Didática Magna* não podia supor que estava em embrião projeto que, séculos à frente, iniciaria discussão tão complexa e acirrada que diz respeito ao ato de avaliar para qualificar a aprendizagem, a escola e o processo ensino aprendizagem. Comenius legou à humanidade uma grande responsabilidade a de “Ensinar tudo a todos” apoiada nos princípios e valores da cidadania.

Ao afirmar que todos somos capazes de aprender, independentemente de nossas características particulares ou especiais, Comenius propunha uma escola democrática e por isso mesmo inclusiva e como princípio para esta escola, uma educação apoiada em uma práxis que respeita as diferenças, sem transformá-las em desigualdades ou muito menos em entraves para o sucesso escolar, sobretudo, do aluno.

À criança deve ser dado o direito de “ler e escrever a sua própria vida” (Ademar *apud* Alves, 2002, p. 7-8). Neste sentido, avaliar esta “escritura” significa acolher a criança, ajudando-a a percorrer a ponte que a separa de seu mundo particular, para o

mundo “dos outros”, para o mundo do saber. Ajudá-la a caminhar não significa andar por ela ou, menos ainda, facilitar sua caminhada, mas sobretudo, incentivá-la a descobrir seu próprio caminho, seu próprio jeito de caminhar permitindo que a distância entre um passo e outro obedeça seu ritmo, suas possibilidades, suas descobertas, seus espantos com o mundo que se descortina a sua volta.

Avaliar este ser em construção significa para o educador, definir suas concepções sobre educação e sobre o educando. Portanto de homem, de mundo e das relações estabelecidas entre eles, pois são criadas por seu maior sujeito histórico: o cidadão.

Para esse tipo de escola vale considerar o aluno um “aprendiz” em ebulição e um “mestre” em potencial.

Ao se pensar em inclusão e não exclusão do aluno; ao se considerar a premente necessidade de transformá-lo em um leitor e não em uma máquina de decodificação de símbolos, há que se pensar nas diferentes linguagens a que este aluno tem acesso, bem como as maneiras que ele poderá interagir e perceber estas linguagens.

Assim, os agentes e as práticas de avaliação do processo ensino-aprendizagem devem envolver conhecimentos, competências, autonomia necessitando serem avaliadas por alguém (*o avaliador*), sustentadas por uma *Instituição* apoiada em princípios educacionais afinados com as práticas avaliativas que apontam para a *tomada de decisão e opção por mudanças* no foco do processo-ensino aprendizagem. Sobretudo, quando este deve atentar para aqueles que se encontram excluídos da escola.

Quais princípios então norteariam uma prática avaliativa marcada por aprendizagens significativas? Para Comenius, o ensino somente teria validade se fosse útil. Para isto, precisaria considerar o contexto do aluno, além de privilegiar atividades

por meio das quais os sentidos pudessem ser despertados, funcionando como portas de entrada para a apropriação do conhecimento expresso por diferentes linguagens.

Quando Da Vinci afirmou:

Estude a Arte da Ciência,  
Estude a ciência da Arte,  
Use todos os sentidos,  
Relacione tudo com todos.

chamava nossa atenção para o fato de tanto a Arte, quanto a Ciência serem percebidas, relacionadas e captadas pelos nossos sensores externos e internos e, desta forma, serem interpretadas, apreendidas, “sentidas”.

Abrir as janelas do nosso corpo significa dialogar com as linguagens que expressam o saber. Saber este que, se materializado pela palavra, derivada dos objetos de experiência pessoal, compartilhada pelo conhecimento adequado do mundo, depende o cultivo dos sentidos, bem como uma relação adequada da linguagem com a experiência.

A comunicação entre os sujeitos da aprendizagem passa a se constituir, desta forma, no elemento catalizador das relações escolares comprometidas com a formação do cidadão devendo, portanto, considerar as leituras de mundo como ponte de partida para o ensino.

As reflexões feitas até aqui propõem pensar o que a escola tem feito para proporcionar um ensino de qualidade e uma avaliação de acolhida aos excluídos do direito a uma educação democrática e de qualidade.

Esta situação que se nos apresenta muitas vezes apoiada nos resultados obtidos por meio dos Sistemas de Avaliação tem sido objeto de discussão no interior de nosso grupo de pesquisa.

Somos induzidos a (re) pensar nossa prática, para a (re)organização da escola.

Lembro-me, neste momento, do psicólogo romeno Reuven Feuerstein e sua “teoria da modificabilidade”. Para este “sonhador” adjetivo que o qualifica por acreditar que as pessoas mudam e que essas mudanças são, de modo geral, resultado de um processo de promoção de suas potencialidades. Assim, os cromossomos não têm a última palavra; os genes podem, em alguns casos, provocar riscos. Contudo, nem um, nem outro, podem determinar o destino de uma pessoa.

Sua teoria o leva a concluir que a maior ou menor importância dos cromossomos e genes para a estrutura do ser humano não pode ser definitiva, uma vez que, o ser humano é maleável, plástico e propenso a qualquer mudança, em qualquer idade. Interessante é que a mudança é consequência da apropriação de novos saberes quer sejam eles do mundo das ciências, quer sejam eles do mundo comum dos homens, ao fazerem parte de seu cotidiano. Estes leitores são aqueles que os Sistemas de Avaliação buscam encontrar.

Chega-se à conclusão “de que nossas estruturas mentais podem ser desenvolvidas, de que a inteligência é dinâmica, modificável, não estática, de que o desenvolvimento das funções do pensamento requer intervenção direta e contínua” (Depresbiteris, 2001, p.74-5) .

Se o ser humano mantém suas potencialidades muitas vezes escondidas, muitas vezes bloqueadas, muitas vezes desconhecidas, avaliar o processo de “revelação” que permeia a vida das pessoas significa acreditar na capacidade de aprendizagem que todos temos. Basta que, para isso, ela seja mediada por ações que as prepare para viver e atuar em um mundo sem fronteiras, sem limites.

Olhar para a avaliação pela lente da mudança, do acolhimento, da percepção sobre as diferentes formas do homem se comunicar porque usa de diferentes linguagens para se expressar, nos leva a conceber a avaliação como o ato de promover e aprovar

porque busca favorecer o processo de aprendizagem e, finalmente, porque avalia o desenvolvimento do aluno respeitando seus ritmos, seus tempos e sua maneira de se apropriar dos saberes e práticas.

Ao se atingir este ponto submeto a avaliação ao enfoque da ética.

O que devemos avaliar? Ou melhor dizendo: como devemos avaliar?

À primeira questão responderia: tudo. À segunda, solicitaria o respaldo de critérios definidos por princípios e metas regidos pelo tempo e espaço oriundos que são, das necessidades e solicitações obtidas por meio de um diagnóstico inicial junto ao grupo de alunos, de propostas educacionais e de escolas que queremos avaliar.

Assim, a compreensão do ato de avaliar como uma prática social, inclusiva projeta-nos a encontrar meios, alternativas para fazer com que todos evoluam dentro da escola (rumo ao êxito), está é a idéia central do que designamos pela expressão ‘aprendizagem assistida pela avaliação’” (Hadji, 2001, p. 9) que se traduz por um acompanhamento contínuo a partir das atividades propostas e realizadas em situação de ensino e aprendizagem.

O sentido que se atribui ao ensino é o de promover competências “como meio de desenvolvimento da maioria das pessoas para que possam sobreviver no mundo do trabalho complexo, repleto de incertezas” (Depresbiteris, 2000, p.9).

Para Demo (1998) o ser competente sugere sempre estar habilitado para participar, colaborar, construir, conviver. Ser cidadão no mundo e do mundo.

O momento do texto e da comunicação é o de compartilhar com o leitor um poema que, sob meu ponto de vista, sintetiza todo o pensamento sobre avaliação, sobre ensino, sobre aprendizagem, sobre respeitar os tempos, espaços, limites e opções do ser humano e, sobretudo, promover um novo olhar e uso mais eficaz dos resultados obtidos pelos sistemas de avaliação:

Não cobiço nem disputo os teus olhos  
 Não estou sequer à espera que me deixes ver através dos teus olhos  
 nem sei tampouco se quero ver o que vêem e do modo como vêem os teus olhos  
 Nada do que possas ver me levará a ver e a pensar contigo  
 se eu não for capaz de aprender a ver pelos meus olhos e a pensar comigo  
 Não me digas como se caminha e por onde é o caminho  
 deixa-me simplesmente acompanhar-te quando eu quiser  
 Se o caminho dos teus passos estiver iluminado  
 pela mais cintilante das estrelas que espreitam as noites e os dias  
 mesmo que tu me percas e eu te perca  
 algures na caminhada certamente nos encontraremos  
 Não me expliques como deveria ser  
 quando um dia as circunstâncias quiserem que eu me encontre  
 no espaço e no tempo de condições que tu entendas e dominas  
 Semeia-te como és e oferece-te simplesmente à colheita de todas as horas  
 Não me prendas as mãos  
 não faças delas instrumento dócil de inspirações que ainda não vivi  
 Deixa-me arriscar o barro talvez impróprio  
 Na oficina onde ganham forma e paixão todos os sonhos que antecipam o futuro  
 E não me obrigues a ler os livros que eu ainda não adivinhei  
 nem queiras que eu saiba o que ainda não sou capaz de interrogar  
 Protege-me das incursões obrigatórias que sufocam o prazer da descoberta  
 e com o silêncio (intimamente sábio) das tuas palavras e dos teus gestos  
 ajuda-me serenamente a ler e a escrever a minha própria vida  
 Ademar<sup>3</sup>

O essencial é saber ver para aprender; a desaprender, para tornar a aprender a cada dia, a cada momento, cada um a seu modo, em seus tempos, por caminhos diversos mas, completos.

Neste sentido, “a educação é um caminho e um percurso: Um caminho que de fora se nos impõe o percurso que nele fazemos” (Alves, 2001, p. 10) porque cada um de nós necessita aprender a construir o seu próprio caminho que se aprende e se constrói, ao caminhar.

Não se impõe tempos para a aprendizagem por ser ela um processo permanente, obedecendo a um processo natural, resultado da experiência pessoal de vida de cada ser.

Segundo Charlot *apud* Hoffmann( 2001, p.57)

A relação com o saber é a relação com o tempo. A apropriação do mundo, a construção de si mesmo, a inscrição em uma rede de relações com os outros – ‘o aprender’ – requerem tempo e jamais acabam. Esse tempo é o de uma história: da espécie humana, que transmite um patrimônio a cada geração; da linhagem que engendrou

<sup>3</sup> O texto em questão encontra-se em ALVES, R. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papyrus, 2001.

o sujeito e que ele engendrará. Esse tempo não é homogêneo, é ritmado por 'momentos' significativos, por ocasiões, por rupturas; é o tempo da aventura humana, a da espécie, a do indivíduo. Esse tempo, por fim, se desenvolve em três dimensões, que se interpenetram e se supõem uma à outra: o presente, o passado, o futuro.

Pela apresentação feita até o momento, este texto teve a intenção de provocar a reflexão e abrir o diálogo sobre os usos que se fazem dos resultados obtidos por meio dos instrumentos utilizados pelos sistemas de avaliação, no Brasil ou em qualquer outro país que faz uso de processo semelhante. Temos discutido nos encontros do grupo a importância deles para o incentivo à reflexão e ao conhecimento mais preciso da escola e de suas funções no mundo contemporâneo. As exigências feitas ao homem em todas as esferas da vida estão cada vez mais rígidas. Neste sentido fica clara a necessidade de uma escola melhor qualificada para preparar esse profissional para o trabalho. Contudo, há que se pensar que este profissional precisa preparar-se como bom leitor do que está dito e do que não está dito. Isto o torna um leitor competente e hábil para atender às solicitações a sua volta.

O que fazer, como fazer, como lidar com os resultados obtidos, como projetar mudanças, como avaliar as possibilidades para transformar? Estas são questões geradas no interior de nosso grupo de pesquisa. Ainda não temos respostas para elas, pois estamos engatinhando no processo de descobertas e análises. Contudo nosso objetivo maior é o de contribuir com estudos que nos tirem dos lugares desconfortáveis em relação aos resultados de avaliação, que nos encontramos hoje em dia, divulgados em todos os meios de comunicação. As atenções se voltam para a escola e o que esta tem feito para reverter este quadro de fracasso.

Afinal, o que todos nós, professores e pesquisadores brasileiros buscamos é o sucesso e não o fracasso da escola e em última análise de nossa sociedade. Sobretudo

porque a prática da avaliação traz de forma embrionária a semente do pertencer, do ser, do estar dentro, do participar.

A meta-avaliação objetiva não somente responder qualitativamente a estas questões, mas igualmente, buscar possibilidades de mudança e exequibilidade da mesma.

A Avaliação Institucional tanto em nível do Ensino Médio, quanto Superior busca identificar os nós do processo ensino-aprendizagem nas pessoas que o executam e o vivem, com vistas a identificar os problemas, oferecer sugestões e traçar novos rumos para a educação. No caso específico do Brasil, há que se pensar a diversidade e o perfil de um país que precisa, sobretudo, reconhecer-se como nação criando e organizando um sistema próprio de ensino para atender a uma demanda específica. Não se trata de importar modelos. Trata, a rigor, de conhecê-los, reconhecê-los menos para incorporá-los, mais para avaliar em que e de que forma poderão ser utilizados por nós.

Espaço e tempo exigem, neste momento, que se coloque um ponto final no texto e na discussão, muito embora não se tenha esgotado nenhum, nem outro.

### **Referências bibliográficas**

- ALVES, R. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.** Campinas-SP: Papirus Editora, 2001.
- COMENIUS, J. **A Didática Magna.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DEFUNE, D. & DEPRESBITERIS, L. **Competências, Habilidades e Currículos da Educação Profissional.** São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- DEMO, P. **Avaliação qualitativa.** São Paulo: Cortez, 1998.
- DEPRESBITERIS, L. **Avaliação educacional em três atos.** São Paulo: Editora SENAC, 2001.
- FEUERSTEIN, R. **Instrumental enrichment: a Word of introduction.** Jerusalém: Hadassah-Wizo-Canada Research Institute, 1986.
- HADJI, C. **Avaliação desmistificada.** Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- HOFFMANN, J. **Avaliar para promover: as setas do caminho.** Porto Alegre: Mediação, 2001.